

Nota restritiva

Márcio Freire¹

*O trabalho da geração futurista foi ciclópico.
Acertar o relógio império da literatura nacional.
Realizada essa etapa, o problema é outro.
Ser regional e puro em sua época.*

OSWALD DE ANDRADE. *Manifesto da poesia Pau Brasil*

*O que nós todos queremos é obrigar este velho e imoralíssimo
Brasil dos nossos dias a incorporar-se ao movimento universal
das ideias.*

DRUMMOND apud FROTA.

Resumo: Partindo de leitura atenta do ensaio “Nacional por subtração”, do crítico Roberto Schwarz, este artigo analisa a permanência da marca cultural do *característico sinal de menos*, exposto no ensaio do crítico, na produção de escritores e intelectuais brasileiros. A análise destaca como a cultura do nacionalismo literário, a partir do *ajustamento cultural e intelectual*, é base determinante para os intelectuais brasileiros pensarem os problemas de produção cultural no Brasil, cientes de que estão por trás de um problema de deficiência material, institucional e cultural.

Palavras-chave: Crítica literária. Ajustamento cultural. Oswald de Andrade. Roberto Schwarz.

Abstract: Starting from a careful Reading of the essay “Nacional por subtração”, by the critic Roberto Schwarz, this article analyses the permanence of the cultural mark of the *characteristic minus signal* in the production of Brazilian writers and intellectuals. The analysis discloses the culture of the literary nationalism, starting from the *cultural and intellectual adjustment*, a determinant basis for the Brazilian intellectuals to think about the problems of cultural production in Brazil and to present solutions, aware that they are behind a problem of material, institutional and cultural lack.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/SJRP), é pesquisador nas áreas de Literatura Brasileira e Literatura Francesa.

Keywords: Literary critics. Cultural adjustment. Oswald de Andrade. Roberto Schwarz.

Résumé: A partir de la lecture attentive de l'essai "National par soustraction", du critique Roberto Schwarz, cet article analyse la permanence de marque culturelle du *caractéristique signe moins*, exposée dans l'essai critique, dans la production des écrivains et des intellectuels brésiliens. L'analyse montre comment la culture de nationalisme littéraire, de l'ajustement culturel et intellectuel repose décisive pour les intellectuels brésiliens pensent les problèmes de production culturelle au Brésil, conscients qu'ils sont à l'origine d'un problème de faiblesse importante, institutionnel et culturel.

Mots-clés: Critique littéraire. L'adaptation culturelle. Oswald de Andrade. Roberto Schwarz.

Ao ler “Nacional por Subtração” estamos diante de um autor, ou um crítico literário, ou mesmo um crítico da cultura, às voltas, de maneira insistente e sistemática, com dois ou três assuntos capitais para se entender a cultura brasileira contemporânea a partir da análise que passa, sobretudo, pela interpretação crítico-literária. Essa seria uma caracterização, apressada, resumida em quatro linhas e restrita a uma única adjetivação, sem ser pejorativa, do crítico Roberto Schwarz. Insistente em seus métodos e firme em seus propósitos como pode ser visto pelos seus trabalhos de análise literária e de pensador da cultura, apesar de não se dedicar “à pesquisa propriamente dita, nem à erudição [...], e ser basicamente ensaísta” (CANDIDO, 2007, p. 15). Schwarz deixa claro, em “Nacional por subtração”, que a ideia matriz de sua reflexão crítica sobre a cultura brasileira, que se dá, principalmente, a partir da análise de problemas críticos e teóricos no campo da literatura comuns a gerações de intelectuais brasileiros que estão presentes na obra romanesca de Machado de Assis é uma ideia com a qual vem se debatendo como pesquisador desde os anos 60. Ideia comum a gerações

de intelectuais, preche de contradições e dissensos, que o crítico as encontra em grande parte, já formuladas, em Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Emílio Sales Gomes, Antonio Candido etc. O crítico é conhecido pela adesão irrestrita a certo rigor teórico e metodológico, uma vez que se encontra ligado, desde o início de sua atividade intelectual, como professor de literatura e pesquisador universitário, à forma de crítica e teoria literária oriunda de pensadores de esquerda alemães, Walter Benjamin, Theodor Adorno, Georg Lukacs, à crítica literária marxista não dogmática e à tradição crítico-literária brasileira que tem em Antonio Candido seu principal mentor no campo da teoria e historiografia literárias. Neste quadro cultural, o crítico termina “encontrando enfim seu lugar na crítica de obras específicas: dos clássicos da literatura brasileira e europeia aos problemas da vida cultural no capitalismo tardio” (ALMEIDA, 2007, p, 46).

Ciente das contradições e dissensos que envolvem o problema, deixando-o aberto, o crítico se propõe a discuti-lo. Os pressupostos críticos e teóricos de Schwarz, expressos em “Nacional por subtração”, que se repetem em “Acumulação literária e nação periférica” e “Complexo, moderno, nacional e negativo”, seriam os seguintes: partindo do ponto de vista, que é por si só um pressuposto/argumento bem definido na cultura brasileira, o crítico afirma que o caráter de produção cultural inautêntica, dependente, imitativa que atinge os diferentes níveis da cultura brasileira é um *mal estar secular* e está comprovado na prática e na teoria. O *mal estar* decorre de condições históricas, políticas e econômicas adversas que legaram ao país um sistema ineficiente, inadequado e mesmo indesejável de vida social que afetou o “desenvolvimento” do país em seus momentos internos capitais e

durante os momentos de maior importância no cenário internacional, relegando-o a eficiente mercado consumidor de bens materiais e simbólicos importados. As condições históricas ensinam que o país atual é fruto dos condicionamentos econômicos e culturais que tem origem e desenvolvimento nas formas de cultura capitalista que se firmaram de maneira particular nos países de segunda ordem no cenário econômico e cultural. No campo das ideias, ou seja, daquilo que interessa ao crítico, a cultura nacional, e em particular os estudos literários, ganha uma conotação, ao mesmo tempo cômica e trágica, devido à sucessão de importação de ideologias que, em tese e com relação a aspectos específicos, somente impedem o amadurecimento de uma reflexão crítica à brasileira, uma vez que veda a adesão, a continuidade e o desenvolvimento de uma tradição crítica local. Esse *mal estar* se tornou uma experiência incômoda e inexorável, porém permanente, e, por ser assim, é objeto de estudo e dado formador da reflexão crítica para a intelectualidade brasileira desde a independência política do país, o que fez com que o sentimento de atraso tivesse interferido, diretamente, no desenvolvimento e andamento das questões mais importantes para a história do país. Trata-se de um sentimento difuso que se manifesta no escritor, nos romancistas e poetas, e, também, nos intelectuais e críticos literários como aspiração nacional e consciência de situação crítica degradante, por vezes se misturando de tal forma à cultura sem que os autores da façanha percebam o que está ocorrendo. Suas formas de manifestação não são mais que frágeis e débeis representações dos subprodutos próprios do nacionalismo literário, através do problema da dependência cultural, a principal, robusta e significativa forma de reflexão para se pensar o problema no campo da crítica literária. Eis aí,

neste resumo, a junção que faz com que no discurso do crítico os pressupostos se transformem em base para seus argumentos de reflexão crítica sobre a cultura brasileira. Põe-se em destaque atraso material e cultural, ineficiência de gerenciamento e caráter frágil das instituições dentro de uma cultura capitalista particular, de segunda ordem que se reflete na vida social e cultural dos indivíduos. O problema persiste. A contribuição maior do crítico não se encontra no ensaio, mas sim em abordá-lo, o problema, em outra frente, na prosa de Machado de Assis, pensando, e dando uma explicação a um problema estrutural da sociedade brasileira contemporânea a partir da ficção romanesca.

Declarados os seus pressupostos/argumentos no início de seu ensaio, “Nacional por subtração”, e expostos acima em resumo, o crítico expõe abertamente a sua opinião e chega a apresentar um programa de pesquisa acadêmica e reflexão intelectual como forma de correção, forma de *ajustamento cultural e intelectual*, professando ser “evidente que nos situaríamos melhor se nos obrigássemos a um juízo reflexivo sobre as perspectivas propostas por Sílvio Romero, Oswald e Mário de Andrade, Antonio Candido, pelo grupo concretista, pelos Cepecês...” (SCHWARZ, 1987, p. 31). Na atitude do crítico, em seu empenho em propor um programa intelectual para o país e seus intelectuais, restritamente voltado, como se pode entender a partir da citação, para o “assunto brasileiro” (SCHWARZ, 2004, p.14), ele repete, no campo da crítica literária, Romero e Candido, e repente tantos outros como fará Haroldo de Campos ao querer, como se deu desde o início de sua atividade intelectual com a vanguarda de poesia concreta, reorientar os rumos da produção cultural e intelectual no Brasil em “Da razão antropofágica”. Repete, também, Carlos Drummond de Andrade e Oswald em suas respectivas epígrafes destacadas. Nestas atitudes

intelectuais, críticas, há sempre a busca do *ajustamento cultural*. Em síntese, nesses dois últimos parágrafos, expomos pressupostos, argumentos, hipóteses e propostas do crítico Schwarz que estão visíveis em “Nacional por subtração” e são matéria de reflexão da crítica acadêmica. A pergunta é: o comportamento cívico, ético adotado pelo crítico não o prende em uma armadilha intelectual que ele se propõe a desarmar? Assumir a postura de Schwarz e pedir uma postura empenhada a intelectuais brasileiros seria erro ou acerto? Denotaria um comportamento de rebeldia, sendo a insatisfação expressa? É preciso notar que o crítico, ao juntar pressupostos e argumentos, estipula uma superposição de problemas complementares e próprios à crítica brasileira: a) dependência cultural; b) ausência de tradição de reflexão crítica local; c) cultura de importação de bens culturais; d) permanência dos mesmos problemas, de fundo cultural, sempre renovados; e) cultura de ajustamento cultural e intelectual. Primeiro: do que foi destacado com relação a “Nacional por subtração”, fica claro ao leitor que *o assunto, ou aquilo que vale a pena, deve ser, em seus objetivos e em sua reflexão, brasileiro por excelência*. Incluindo, aí, além do que se fez de mais significativo em termos de literatura e crítica, o último movimento vanguardista na poesia brasileira – sem que se explique melhor essa inclusão, o crítico quer fazer crer que há algo em comum, mesmo natural, na enumeração acima, e que seria, justamente, a presença do “assunto brasileiro” e as *atitudes empenhadas* de todos esses escritores. Talvez, outra hipótese plausível, com relação à vanguarda de Poesia Concreta, seria sua radical atitude de reflexão nacionalista – com relação à tradição poética brasileira – que está sob a sua professada universalidade? Sem dúvida, ou na ausência da dúvida, a

questão é: os poetas concretos recorrem a Mallarmé, Joyce, Apollinaire, Pound, Cummings para dizer a todos que o que importa de fato é a cultura brasileira: Gregório de Matos, Sousândrade, Oswald, Drummond e João Cabral. Segundo: é preciso retomar e dar sequência, chamando para si o reconhecimento de valores comuns à tradição, ao que já fora feito anteriormente por brasileiros, Mário, Candido etc., naquilo que Schwarz entende ser, na literatura de criação e crítica, uma tradição de reflexão crítica local, fazendo-se um defensor da tradição, com toda a radicalidade que, aos olhos da crítica contemporânea, uma posição como essa implicaria. Não se trata de continuidade pela continuidade, mas sim da “constituição de um campo de problemas reais, particulares, com inserção e duração históricas próprias, que recolha as forças em presença e solicite o passo adiante” (SCHWARZ, 1987, p. 31).

Mais uma vez, estamos diante de um crítico e seu programa para o Brasil. Schwarz repete os demais. As palavras comprometidas e empenhadas de Drummond e Oswald reverberam nas afirmações do acadêmico com os mesmos propósitos e objetivos, 60 e poucos anos depois de proferidas. Veja-se que a citação revela, de fato, e de resto como toda a análise exposta no ensaio, *um programa para a crítica literária e para a cultura brasileira*. Projeto que seja robusto e significativo, que dê conta de estabelecer rumos para a tradição literária. Terceiro: o caminho apontado pelo crítico revela, abertamente, sua proposta de projeto para os intelectuais brasileiros, através da correção de percurso vigente, do desvio praticado, além de reorientação de perspectiva que somente se fará seguindo a indicação mencionada, ao dizer que “parece evidente que nos situaríamos melhor se nos obrigássemos a um juízo reflexivo sobre as perspectivas

propostas” pela tradição local. Rejeitar o óbvio, no caso, a “evidência”, de acordo com o crítico, seria um erro. Somente com a retomada do que já fora feito, cultural e intelectualmente, seria possível o desenvolvimento e o fortalecimento de uma tradição crítica. Distante, ou mesmo diante, de qualquer forma de internacionalismo, “Nacional por subtração” é redigido sem desmerecer e deixar de lado as contribuições dos teóricos estrangeiros da segunda metade do século XX. A forma como se deve proceder é “ler a teoria contemporânea para ficar em dia com o debate”, mas, porém, a “verificação das conceituações atuais” deve se dar “a partir da nossa experiência histórica”, entendendo que “a relativização e a crítica que podem resultar daí são uma das contribuições que podemos dar de fato” (SCHWARZ, 1999, p. 233). O crítico estaria querendo controlar o debate, controlando o fluxo das ideias? Sendo assim, é justamente o que “Nacional por subtração” realiza. Quarto: como um caminho tão pisado, e repisado, o caminho do *ajustamento cultural e intelectual*, novamente proposto pelo crítico já no final do século XX, pode revelar o novo em termos de possibilidades? Isso não enfraqueceria a verdadeira contribuição intelectual do ensaio? Ele não estaria de fato repetindo, inclusive pelo que traz de balanço e de programa, Oswald no aforismo do “Manifesto da poesia Pau Brasil” usado como epígrafe? É justamente o que o ensaio mostra, a despeito de sua importância e contribuição para o debate, estando isento de opinião crítica externa.

Ainda comentando a gênese do ensaio, e o seus pressupostos e desenvolvimento argumentativo, tal como está formulado pode ser entendido como um texto de: a) revisão e reflexão da perspectiva crítica bem assentada entre intelectuais brasileiros, o propalado *mal estar*

intelectual, b) intervenção e debate cultural que traz propostas de ajustamento cultural e intelectual para a cultura brasileira com o objetivo de reorientação intelectual e correção de percurso e c) crítica de caráter pedagógico que traz suas peculiaridades: fala do essencial de atitudes dos intelectuais e críticos brasileiros desde o século XIX, da reflexão acadêmica do próprio autor e de seus contemporâneos, citando alguns nomes e emitindo outros, sem que, pela própria extensão do ensaio, 20 páginas, possa se discutir as suas ideias crítico-literárias de maneira razoável. A opção do crítico é pela abordagem do problema a partir de uma síntese específica e em larga perspectiva com base em sua reconstrução histórica e de maneira condensada. O problema está posto e bem constituído, bastando apenas discutir e comentar algumas de suas particularidades. Apesar da reconstrução histórica, a reflexão maior e sua intervenção intelectual apontam para o momento presente na acadêmica brasileira, buscando uma argumentação que dê conta de se projetar no futuro. A rigor, esse é o movimento comum à crítica brasileira: correção, crítica e perspectiva de propostas para o futuro. Não aborda simplesmente os assuntos, os objetos, referindo-se a autores e obras diversos, às atitudes e ao desenvolvimento de uma psicologia brasileira frente às manifestações culturais nacionais e estrangeiras, denunciando, assim, que a discussão, já bastante robusta em termos de reflexão e bibliografia, trata-se de *um valor próprio ao pensamento crítico literário brasileiro*. O tópico central do ensaio, uma vasta metáfora, *o mal estar intelectual brasileiro*, não é, de maneira alguma, invenção do crítico, mas o adensamento de ideias correntes no meio intelectual brasileiro no campo da literatura e teoria literária que encontraram lugar propício para o seu desenvolvimento na universidade conjuntamente com a geração de críticos literários a que o crítico

pertence. Isso se deu, justamente, por essa geração de críticos acadêmicos ter se debruçado de maneira obsessiva em torno dos subprodutos do nacionalismo literário. Neste sentido, o nacionalismo literário como problema crítico, teórico e reflexivo passa a ser, verdadeiramente, e de fato, a constituição de um campo de problemas reais, particulares, com inserção e duração próprias a que Schwarz se refere como algo fundamental para uma autonomia intelectual e que se trata de verdadeira e necessária busca para seus contemporâneos na Universidade, cabendo nesta observação os autores por ele mencionados como exemplos a seguir. O mérito inegável sobre a introdução e o lugar ocupado pelo nacionalismo literário na acadêmica é dado à *Formação da literatura brasileira*. Apesar de curto em extensão, é este, ou esta reflexão com cara de revisão histórica, e como programa crítico para os intelectuais brasileiros, uma vez que “nos situaríamos melhor se nos abrigássemos a um juízo reflexivo” sobre essa perspectiva, o ponto de partida e de reflexão de Schwarz para debater o assunto.

Em determinados setores da intelectualidade brasileira houve reação a estas atitudes que destacaram questões de fundo nacionalista tomando lugar majoritário de estudo e pesquisa na universidade com a primeira geração de críticos acadêmicos. Reforçou a presença de ideias enfocando um nacionalismo literário entre estudiosos brasileiros, no caso em destaque os críticos literários e historiadores da literatura, e se traduziu na presença maciça, e marcante, dos estudos de literatura e problemas brasileiros. Para alguns, Leyla Perrone-Moisés, Luiz Costa Lima, o caminho tomado seria visto como estreitamento e perda para o desenvolvimento de estudos em muitos campos de pesquisa, inclusive da teoria literária ou teoria da literatura. Apesar de difícil mensuração, em

termos quantitativos, e mesmo qualitativos, a presença ostensiva do “assunto brasileiro” ocorreu de fato, tendo a sua razão de ser em fatores diversos que dificilmente se reduziriam a um apego excessivo a questões do nacionalismo literário que jamais se justificariam por si só.

O título do ensaio de Schwarz é espirituoso, sendo, certamente, naquilo que diz respeito ao problema tratado, uma divisa, a sentença que simboliza a norma do partido crítico-literário tomado pela crítica brasileira como objeto de reflexão para o intelectual brasileiro: o produto nacional em face de sua dependência com relação à produção estrangeira, ou seja, a relação entre estudos literários e dependência cultural. Trata-se, sem dúvida, e isso deve ser visto como algo deliberado e proposital, de uma divisa, uma sentença, inclusive porque o alcance que o crítico busca atingir é grande e geral. Conciso, reduzido à grafia de uma fórmula matemática, uma equação das mais comuns, trazendo, como já inscrito nas reflexões anteriores do autor, um característico sinal de menos. A equação é de subtrair, e o título aponta e destaca o resultado, dizendo que de fato o resultado é o que interessa, e mais, sendo o resultado o produto final, aquilo que está sujeito às formas de julgamento. O que seria essa moeda comum à crítica brasileira, esse característico “sinal de menos”? Pergunta e resposta: a subtração que a cultura nacional, brasileira, tem realizado como marca indelével de sua produção cultural face ao estrangeiro, determinante para o intelectual brasileiro. “Sinal de menos” da produção cultural brasileira com relação à originalidade, criação, patente, autoria, ideias, liderança intelectual e tudo o que a estas noções de invenção e de origem se pode agregar.

O nacional, nesta *equação de subtrair*, seria o resíduo e a substância autêntica do país, configurando-se dessa forma, portanto, como fora dito no início, o “assunto brasileiro”, ou seja, verdadeiramente,

na opinião do crítico, aquilo que interessa à cultura e à crítica brasileiras; nesta categoria posta como assunto de reflexão para a crítica, não há pureza, não há originalidade ou invenção. Cultura brasileira sempre derivada, subtraída de algo “externo”, originária de porção maior e mais expressiva; produto final, no sentido de resultado, retirado daquilo que é o essencial, veja-se bem, nessa equação de subtrair, a julgar pelas afirmações que se encontram no ensaio de Schwarz, a única equação que o intelectual brasileiro tem praticado, com raríssimas exceções. Praticada por muitos, fora as exceções nomeadas, *a matemática da crítica literária brasileira seria elementar*. Como a subtração se dá de algo maior, denunciando a relação de subordinação efetiva, no caso em destaque com relação à cultura europeia, o produto que resulta daí, o nacional, é menor, ou seja, para usar o vocabulário do crítico, é de segunda ordem. O título do ensaio, que não esconde nada, mas antes o contrário, revela desde seu início a análise e os pontos de vista do autor, ainda destaca que, dicionarizado, o substantivo subtração quer dizer diminuir, além de o verbo subtrair, também dicionarizado, apontar para tirar sem autorização, levar por astúcia ou fraude, retirar às escondidas ou com sutileza, afastar da vista ou do alcance. Todo verbete é seguido de uma enumeração e de seus muitos significados, estabelecendo uma ordem para essas classificações e dizendo: primeiro, segundo, terceiro etc. Eis aí a enumeração de um conjunto de expressões que servem em cheio, como uma luva e à perfeição, para descrever e para caracterizar a forma como parte significativa, e destacada pelo autor do ensaio, da produção cultural brasileira se constrói na visão de escritores e críticos; veja-se bem, de acordo com os pontos de vista do crítico, é essa a forma de se chegar ao nacional; em sua análise, de reconstrução histórica, feita

sob uma tomada de posição sobre o problema, a questão serve, perfeitamente, para expressar a situação da produção cultural brasileira de maneira exacerbada e quando suprimidas as conotações positivas dos significados reais das expressões em país de cultura dependente, ou país de “cultura reflexa”, principalmente, no momento em que se lê o termo “subtração”, em um de seus muitos significados, como levar com astúcia ou fraude, retirar às escondidas ou com sutileza, afastar da vista ou do alcance. Esta enumeração, levar com astúcia ou fraude, retirar às escondidas ou com sutileza, afastar da vista ou do alcance, que é o produto da reflexão do crítico, seja retirada de um dicionário, seja retirada da leitura e da interpretação daquilo que se lê n’*A polêmica Alencar Nabuco*, é de grande semelhança, em um aspecto muito específico dentro do que estamos discutindo, como o que se lê quando Nabuco, fazendo às vezes de crítico literário, está falando e avaliando a produção literária e romanesca de Alencar, acusando-o de retirar às escondidas ou com sutileza dos escritores estrangeiros, ingleses ou franceses, para compor a experiência brasileira em seus romances de fundação. Sem estar sequer de longe se referindo à “polêmica” que envolveu os dois escritores no século XIX, a análise de Schwarz terminar por revelar o que a polêmica tem de atual.

O aspecto da particularidade do ensaio que trata dos subprodutos do nacionalismo literário é relevante uma vez que se pode perguntar se o problema da especificidade do texto crítico posto em questão encontraria resposta se não fosse formulado e analisado fora de uma perspectiva tão ampla, uma vez que não se trata de questão restrita à teoria da literatura, mas que diz respeito ao campo mais amplo da formação cultural dos intelectuais de um país, e responde a uma tradição local de ver e entender o objeto literário com forte ligação de

representação da sociedade; além disso, o problema revela uma das faces do processo de institucionalização dos estudos de literatura e crítica literária na Universidade Brasileira, dizendo como esse processo veio a determinar carreiras intelectuais, o predomínio de assuntos específicos e de determinadas formas literárias a fim de atender a suas demandas educacionais, sociais e políticas, e não se sabe se para o bem ou para o mal, preso a problemas tradicionais.

A julgar pelas notas de pé de página, no que elas indicam das fontes primárias que o crítico fez uso e deu sustentação a suas ideias, a natureza específica do problema continua a ser difícil de ser definida e se reduzir a um campo específico do saber, indicando mesmo uma multiplicidade. O autor recorre a ensaios, teses e tratados de intelectuais de campos de estudo diversos, ainda que, para os seus pontos de vista, sejam todos complementares – sociólogos, historiadores, estudiosos de cinema, poetas, escritores de vanguarda, críticos literários e historiadores da literatura. Mostra como o assunto já fora largamente tratado e aponta as razões de seu adensamento crítico e teórico. Determina até que ponto esses intelectuais, todos de campo de estudo tão diverso do literário, ressalvadas as devidas exceções, são parceiros imprescindíveis para que o crítico acadêmico realize seu trabalho, sendo o resquício de uma relação ou da função ampla exercida anteriormente pelo crítico literário e que já se julgava, parcialmente, em processo de resolução desde a década de 30 quando o crítico cumpria função própria de outras áreas específicas, como a sociologia e a história, chegando mesmo a destacar aquilo que a cultura determina para a elaboração do ensaio e formação do crítico. Mostra, também, um aspecto de grande importância, como a cultura do *nacional por subtração* está presente em

todos os campos da vida cultural brasileira. Uma vez que não se podem ignorar os condicionamentos históricos que determinam a questão, para firmar seus argumentos o autor faz uso de textos que têm grande abertura cultural e, além disso, deixa claro que não está isolado em seus pontos de vista na forma como vem abordando o assunto, já que todos os autores citados, poetas, escritores em prosa e críticos literários tomam o problema em sua feição negativa e, além disso, mostra como a literatura no Brasil está muito além de um mero problema de ordem estético-literária, como algo que somente desperte o interesse para a literatura em seus aspectos formais, ainda que venha a ser abordado pelo mais purista de seus escritores.

Aa partir de supressões, por eliminação, o assunto do ensaio pode ser definido como a análise de um comportamento cultural ou de comportamentos culturais imbricados ou interdependentes que são marcas patentes da produção literária nacional e são próprios do intelectual brasileiro e latino-americano, afetando o valor estético literário das produções nacionais, e que aparece na condição de assunto literário e problema para a crítica. O que está em discussão, como matéria principal, preponderante, como pressuposto, seria *certa noção de valor*, como condição dependente, secundária, do produto cultural brasileiro, mais especificamente produto cultural brasileiro no campo da literatura, e o comportamento constrangedor por parte de intelectuais brasileiros ao longo de mais de um século com relação ao valor da produção cultural local, trazendo críticas ao meio acadêmico brasileiro e a apresentação de um programa com seus autores a serem estudados. Aquilo que está em discussão é a cultura do nacionalismo literário e de seus subprodutos. Neste sentido, o texto de Schwarz seria

especificamente próprio ao campo de estudos de literatura brasileira, teoria literária e crítica da cultura.

Há, por parte do ensaísta, uma enumeração, com exemplos diversos, das inadequações que se dão em todos os matizes e, mesmo, em todos os campos da vida brasileira, criando, desta forma, certa organicidade, algo importante para a sua análise, o que somente vem a dar força e coesão ao dilema. Com relação à enumeração, não envelheceu e, mais de 25 anos depois, continua atual. Nada ficou de fora, uma vez que os comportamentos inadequados, porque assinalam a experiência do caráter *posticho*, inautêntico, imitado da vida cultural brasileira estariam entranhados na sociedade. A diversificação, ou o seu caráter heterogêneo, revela e mesmo tem o objetivo de mostra o quanto o debate é de ordem cultural. Dos aspectos materiais, intelectuais, culturais, psicológicos até os morais, o que indicaria, nas palavras do crítico, a generalidade social de certa experiência. A marca que obsedaria o intelectual brasileiro em sua relação com a tradição cultural seria o sentimento de contradição, lidar diariamente com algo que não reflete sua experiência imediata, estrangeiro em sua origem, que traz o constrangimento de se estar vivenciando o caráter imitativo de nossa vida cultural. Por mais que se faça, há insuficiência, insatisfação por parte dos intelectuais com relação à produção nacional que se traduz em matéria de reflexão crítica.

A enumeração de momentos históricos de adesão da crítica a ideologias estrangeiras no campo específico dos estudos de literatura e teoria literária desde o século XIX, chegando à atualidade com a permanência dessas ideologias na Universidade, estabelece uma lista hierárquica por ordem de chegada, atualizada para aquele momento, os

anos 80 do século XX, quando diz que a adesão dos intelectuais brasileiros a ideias novas, enumerando a longa série que passa por impressionismo, historiografia positivista, *new criticism* americano, estilística, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, pós-estruturalismo e agora teorias da recepção, cobrindo mais de um século de vida cultural brasileira atesta, nas palavras do crítico, o esforço de atualização e desprovincianização em nossa universidade; a afirmação confere atestado secular e remoto ao problema, a hábitos e atitudes, ou seja, a uma cultura. A questão já fora anteriormente abordada, no essencial, por Machado de Assis em seus ensaios, “Instituto de nacionalidade” e “A nova geração”, sem que sequer se esgotassem as suas indagações mais elementares. Ao contrário do que diz o crítico, os resultados produzidos mostram que a adesão sistemática e insistente às ideologias estrangeiras não se trata somente de esforço de atualização e desprovincianização em ambiente provinciano e desatualizado. Também atesta grande vigor intelectual e capacidade de diálogo, aceitação de ideias contemporâneas e inserção no debate que se trava a partir da apropriação de ideias e conceitos próprios de pensadores estrangeiros. Trouxe resultados significativos como se pode conferir com o que se produziu no Brasil de melhor em todos os campos da cultural e a importância que teve para valorizar e revigorar a vida cultural de maneira inegável, contribuindo de maneira determinante para o que o crítico entende por *tradição/contradição*. Como já dito antes aqui, não se pode “controlar” ideias ou mesmo desqualificar suas formas de recepção. Se aceita a contribuição do crítico a discussão, é preciso fazer a perguntar se estaria aí a causa para a insuficiência de tradição crítica local. Schwarz não dá uma explicação que seja, de fato, única, até porque essa não existe e se existisse não caberia em 20

páginas. Também não está explícito o que se denomina incompatibilidade entre o esforço de atualização e desprovincianização em nossa universidade e a construção de um pensamento crítico brasileiro. A ideia de que há incompatibilidade entre a presença da cultura estrangeira, totalizadora, excessiva, do influxo externo e a construção de um pensamento crítico local não se esgota ou se explica com esses argumentos. Pode ter valor e sentido o fato de que em um ambiente provinciano e desatualizado, como quer o crítico, o estrago maior está no alheamento ao “assunto brasileiro” que, em tese, estaria diretamente ligado a esse esforço de atualização, além da falta de seriedade e compromisso intelectual, acadêmico ou institucional, uma vez que “só raramente a passagem de uma escola a outra corresponde, como seria de esperar, ao esgotamento de um projeto” (SCHWARZ, 1999, p. 30). É possível que um crítico, em colóquio com os seus, apresente um senão dessa natureza? Suas opiniões não revelam somente pessimismo, crítica aos comportamentos e às atitudes de intelectuais brasileiros uma vez que relativiza suas e alheias posições quando afirma que a vida cultural tem dinamismos próprios, colocando tudo em suspenso e não deixando sequer um único naufrago em alto mar. Não se pode menosprezar que as *raízes do Brasil* já foram determinadas e têm espectros mais amplos que o *nacional por subtração*.

O esforço de *ajustamento cultural e intelectual*, posto em destaque por Drummond, na condição de epígrafe inicial e de introdução a este artigo, como o grande esforço a ser feito pelo intelectual brasileiro se soma ao balanço da mesma *cultura de ajustamento intelectual* professada pelo crítico acadêmico. O mesmo compromisso, o mesmo

esforço de ajustamento cultural e intelectual que se propaga e se prolonga como dever dos intelectuais brasileiros. As duas epígrafes, Drummond e Oswald, sinalizam um dado característico dessas atitudes presentes no meio acadêmico destacadas pelo crítico. Guardadas as devidas proporções e as singularidades das particularidades de cada caso, dos modernistas Drummond e Oswald, que retomam, nos gestos e em suas atitudes, escritores árcades e românticos brasileiros, para o crítico acadêmico, o esforço de *ajustamento cultural* foi a grande busca do intelectual brasileiro, não se resumindo mais que a uma questão, ou a mais um passo, de manifestações diversas do nacionalismo literário, traduzindo a experiência da dependência cultural como forma de teoria estética. Há de tudo, como apontado pelos críticos e escritores, como quer Schwarz em seu ensaio: entusiasmo, grande esforço e atividade intelectual, individualismo e espírito gregário, superação, fracasso, uma cota de ridículo, macaqueação, radicalidade, originalidade; isso, claro, segundo os próprios intelectuais que não cansam de afirmar, e de reafirmar, para os textos em destaque, porque, neste sentido, estão, sempre, um a avaliar a contribuição e as atitudes de seus pares.

Nesta situação, com o quadro de coisas exposto no ensaio e suas afirmações, há de se fazer muitas perguntas que são suscitadas pelo raciocínio e afirmações expostas pelo crítico. Qual é o limite de um pensamento com feição negativa presente na cultura intelectual brasileira, tão marcado por essa espécie de *nota restritiva* à produção local que sempre vem a destacar o atraso cultural de um país e, por extensão, da produção de seus mais destacados intelectuais? Por que a produção de intelectuais brasileiros está constantemente sob a rubrica de insuficiência? Por que a reflexão crítica dos intelectuais brasileiros é tão voltada para o nacionalismo literário, sobretudo a partir da

dependência cultural? Em “Nacional por subtração”, nos exemplos autorais enumerados, Mário, Romero, e o próprio autor fazem ressalvas demasiado restritivas a seus pares, sem a percepção de que a restrição se dirige às circunstâncias que propiciam o aparecimento dessas questões no meio intelectual brasileiro, ou seja, nesse sentido, as críticas se dirigem a eles próprios, *uma vez que não se pode ou não se deve deslocar o problema da instituição para o indivíduo quando o ponto de vista adotado para avaliação é o histórico-social*. Nestas restrições, o “influxo externo” está sempre em pauta e centralizado como o grosso do problema, o responsável pelo seu desenvolvimento e resultados. Retirem-se as expressões, rubrica de insuficiência, nota restritiva, pelo constrangimento que encerram e coloquem-se outras no lugar, mais aceitáveis e a situação não muda. Trata-se, de fato, de rubrica de insuficiência, de *nota restritiva*? As mais diferentes manifestações dos intelectuais brasileiros sobre o problema caminham neste sentido, na afirmação da defasagem cultural e intelectual que se dá com parâmetros diversos, indicando desde sempre a já conhecida falta de originalidade, cópia, até a falta de tradição crítica local, e sua consolidação, reclamadas pelo crítico. Há exemplos demais que foram se acumulando ao longo de um século, como o próprio crítico apresenta e destaca, e, mesmo, é de se perguntar se haverá exemplos nos dias de hoje com os quais se poderiam ilustrar essas atitudes desenhadas por Schwarz e, ainda, perguntar-se se o dilema é atual e permanente. Muitos críticos dirão que, certamente, e parece ser essa a voz consensual.

Um caso comum, exemplar, a ilustrar, em detalhe e no pormenor, a situação exposta pelo crítico, colhido na atualidade está na atitude expressa em uma resenha crítica, publicada no extinto caderno Mais! do

Jornal Folha de São Paulo, e cuja autoria é de um historiador famoso e constantemente celebrado pela academia brasileira, Boris Fausto. O ano é 1997, e a questão está presa a um dos grandes empreendimentos editoriais no mercado de livros brasileiro, a edição de uma coleção de seis livros intitulada *História da vida privada no Brasil*. Trata-se de um grande projeto editorial, com sucesso garantido e pouco risco financeiro, que contou com a colaboração dos maiores e mais importantes historiadores brasileiros, todos acadêmicos, professores que ocupam os cargos mais altos e de maior importância nas universidades brasileiras e, também, em prestigiosas universidades do exterior. Na prestigiosa lista, Nicolau Sevcenko, Evaldo Cabral de Melo, José Murilo de Carvalho, Elias Thomé Saliba, Fernando Novais, Laura de Melo e Souza e outros historiadores de destaque. Todos estão lá como participantes da elaboração e/ou da organização da coleção. Boris Fausto, professor titular da Universidade de São Paulo, indiscutivelmente uma dessas “pessoas educadas do Brasil” a que o crítico Schwarz se refere em seu ensaio, intelectual de grande prestígio, ao resenhar a publicação do primeiro volume dessa *História da vida privada no Brasil* caiu em uma “armadilha intelectual” ao ignorar as “evidências” já destacadas por Schwarz. Embaraçou-se ao comentar o empreendimento nacional, brasileiro, quando tocou na edição francesa, ou seja, para usarmos a terminologia teórica própria à crítica literária, quando tocou na *origem* intelectual do projeto, na *fonte* primeira e principal das ideias. *Fonte* primeira e principal das ideias teóricas e intelectuais que responderia à demanda própria e complexa da história das ideias e etapa da historiografia francesa, a *História da vida privada*, e *influência* para o empreendimento em escala nacional, a *História da vida privada no Brasil*. A armadilha intelectual se arma para o brasileiro no momento em

que entra no debate a respeito das noções que estão presas às questões maiores dos problemas da dependência cultural, originalidade e cópia, fonte e influência etc. com formulações pouco seguras e o desejo certo de que irá solucionar ou trazer a resposta a um problema que não cabe solução. Boris Fausto, por partilhar o sentimento negativo já conhecido de intelectuais brasileiros com o que se produz no país, de acordo com a definição de Schwarz, julgando o empreendimento editorial francês, a *História da vida privada*, e o empreendimento editorial brasileiro, a *História da vida privada no Brasil*, para não desqualificar o empreendimento nacional em nenhum aspecto, já ciente dos possíveis comentários com o característico “sinal de menos” à empreitada, e não querendo ferir o pudor, e nem o amor próprio da acadêmica brasileira, pisa em falso, e, sem que fosse necessária a polida advertência, mas, também, ciente de que “a cópia é secundária em relação ao original, depende dele, vale menos” (SCHWARZ, 1999, p. 38), saiu-se da seguinte maneira ao comentar a relação explícita de dependência e influência intelectual entre as duas obras: “ressalve-se, porém, que estamos falando de *inspiração* e não de *cópia de modelos*” (FAUSTO, 1997, p. 10). Ainda que haja por parte das editoras brasileiras o tino comercial em cima de produtos vendáveis como esse no meio acadêmico brasileiro, agregando ao portfólio da editora um lugar de respeito com a publicação de obras dessa natureza, isso não entra no essencial da discussão que o historiador abordou e, de fato, o interessava ao preparar a resenha sobre o livro, ou seja, sobre a contribuição efetiva, o resultado da fatura em nível nacional.

Por que, na avaliação do empreendimento, o destaque a “inspiração” e “cópia de modelos”? O embaraço, no qual o historiador se

envolve, e de quebra lança os demais colegas e a historiografia nacional, revela algo com o qual é difícil para o intelectual brasileiro se entender, e todo esse “difícil” fica exposto na frase do historiador, repetida aqui: “ressalve-se, porém, que estamos falando de *inspiração* e não de *cópia de modelos*”. Boris Fausto insiste em negar que a edição da *História da vida privada no Brasil* serve ao “processo de compreensão mental e de imposição da cultural” (CANDIDO, 2002, p.7) francesa a partir da aceitação e legitimação de métodos de sua historiografia. O constrangimento que inegavelmente há e foi externado pelo historiador é grande. Como exemplo, e tal como os demais que estamos mostrando, passa a ser incorporado aos exemplos expostos por Schwarz. Trata-se de mais um entre tantos, mais um entre os demais. É difícil de precisar como essa questão seria mais bem tratada, melhor avaliada, ou mesmo como se resolveria para o intelectual brasileiro a julgar pelos exemplos dados e toda a sua caracterização se o exemplo da resenha fosse incorporado ao rol de leituras feitas e comentadas pelo crítico. Poderiam ser lançadas muitas perguntas nesse sentido. Tudo poderia ter se passado sem nenhum problema e longe desses constrangimentos se o historiador reconhecesse a origem do empreendimento em língua francesa e a sua implantação no Brasil sem que nessa troca fosse visto o característico e nefasto “sinal de menos”, o sinal de insuficiência, *a nota restritiva*? Difícil precisar, mas para muitos certamente não. Poderia, de fato, ser evitada a exposição da face negativa do problema, e a partir daí a exposição do característico mal estar intelectual brasileiro? Difícil precisar.

O historiador, ciente de que a *História da vida privada no Brasil* é o empreendimento *nacional por subtração da História da vida privada*, a edição francesa, edição primeira e original do projeto, não consegue

fazê-lo uma vez que tem dificuldade de se expressar sobre o problema já que ocupa lugar de destaque na historiografia brasileira acadêmica. Se José de Alencar carregasse todo esse cuidado, ou toda essa austeridade que o historiador carrega, é de se perguntar qual seria a sua atitude diante da presença insistente de Nabuco em seu calcanhar a acusá-lo de fraude romanesca, a acusá-lo de chegar ao *nacional por subtração*. A frase de Boris Fausto, estruturada pela restrição, pelo cuidado excessivo, pelo *característico sinal de menos*, pela *nota restritiva*, deixa claro que é preciso afastar o caráter danoso, e de pouco prestígio, beirando a vergonha e aberto a todas as censuras que a ideia de “*cópia de modelos*” impinge à noção de saber, obra, autoria, nação, povo, autoridade, e o historiador, de maneira já desacreditada, chama em seu socorro, como forma de se livrar do problema, ou seja, como forma de se livrar do fantasma da origem, fantasma da fonte, outro fantasma, o tão desacreditado e já manco fantasma da “*inspiração*”. Fica a questão da dependência cultural da mesma forma, ou ainda de forma pior, porque posta em alto relevo. Ou será que do contrário poderia ser dito que seu objetivo seria mostrar que a questão da origem, nesse caso, é uma questão menor, sendo mesmo insignificante perante a grandeza do resultado alcançado? Não cabe aqui discussão mais específica sobre a questão da inspiração e do trabalho intelectual, em um contexto como esse, brasileiro, marcado pela dependência cultural e pelo nacionalismo literário, e, de fato, a palavra inspiração, nesse contexto, causa certa estranheza uma vez que a “*cultura que possuímos se foi construindo assim*” (CANDIDO, 2002, p. 97).

Seja como for, esses esforços não escondem o quanto há de desejo de realização, afirmação intelectual, nacionalismo, projeto, rubrica de

insuficiência e insegurança nessas tentativas de... *ajustamento cultural e intelectual*, nessas tentativas de reparação. Desejo de realização, rubrica de insuficiência e nacionalismo quando a intelectualidade está sempre à procura de ajustamento cultural e afirmação da invenção a partir da busca de originalidade de forma e de expressão na criação de seus produtos de natureza intelectuais a partir de reflexão que deveria ser bastante pessoal e particular com o objetivo de alcançar a legitimação dos mais diferentes produtos estéticos. Atitude que, naturalmente, realçaria e destacaria uma maioridade, e uma maturidade intelectuais de longa data caras ao intelectual brasileiro. Não é mais que a cultura do permanente esforço de *ajustamento cultural*. Trata-se de embaraço que está presente no aspecto linguístico do *vocabulário de reparação* usado pelo historiador através dos “apesar de...”, dos “porquês”, dos “poréns” e no fato de se crer que o fantasma desaparece quando se diz que ele não existe ou quando a busca de originalidade de forma e de expressão na criação é apresentada como algo ultrapassado ou superado, ou mesmo quando esse fantasma se vê ferido mortalmente com o veneno da inspiração. Fica claro ao leitor, ao pesquisador, ao crítico que nenhuma solução unívoca e/ou individual o resolverá. Na atitude do historiador, ao ler e validar o notável empreendimento dos colegas intelectuais, historiadores acadêmicos de grande prestígio nacional, como autor da resenha retoma a atitude característica do intelectual brasileiro, querendo dizer que não está julgando e censurando os demais historiadores e opondo um senão à historiografia nacional, quando faz justamente o contrário. Mesmo que reduza a questão à personalidade, certo senão ao resultado é evidente, e mesmo à ideia do empreendimento, e com ela à historiografia nacional. Quem fala aqui, ainda, neste momento, é a voz insatisfeita e conflituosa que externa um

sentimento comum e que emerge nas falas do intelectual brasileiro, seja essa voz encarnada em Nabuco crítico literário julgando a obra romanesca de Alencar e, mais que isso, seja ela encarnada na atitude de reparação, de ajustamento cultural e intelectual do historiador, o que se revela, de fato, é um ato de acusação. Repita-se Carlos Drummond de Andrade aos 22 anos em carta a Mário para falarmos mais uma vez da atitude expressa pelo historiador: “tudo muito velho, muito batido, muito Joaquim Nabuco” (DRUMMOND apud FROTA, 2002, p. 5). Aqui, em nenhum momento estamos nivelando esses intelectuais, ou mesmo, de maneira simplista, igualando suas atitudes, seus pressupostos e seus pontos de vista quando os colocamos lado a lado e nem fugindo do contexto histórico a que “Nacional por subtração” poderia se reduzir, ou em outras avaliações ser severamente reduzido. Trata-se do reconhecimento de sentimentos e de atitudes que se repetem no tempo histórico, e se repetem de maneira muito próxima ou igual, criando as possibilidades de identificação.

Como não se foge às influências, sejam nacionais ou estrangeiras, e o difícil, quase impossível, é não ser contemporâneo, até porque as influências, ou o produto cultural, seja ele material ou intelectual, se impõe ao consumidor ou aos potenciais consumidores, e uma vez que ideias e pensamentos não são feitos para consumo local, ou para se restringir às fronteiras, mas, ao contrário, são feitos para barrar e superar todas as formas de restrições, a atitude do historiador vem a ilustrar e validar o dilema em um de seus aspectos mais vexatórios. O dilema é posto em discussão como hábito arraigado, gesto que se repete, sensibilidade intelectual e mental. Trata-se de um exemplo certo, *exempla*, e, portanto, patético, no sentido daquilo que move os afetos,

incita as grandes paixões, porque diz bem, com relação ao intelectual brasileiro, e está apontando para aquilo que se busca e que se quer, e bem ao sabor dos muitos termos que o historiador usa, ao enfatizar, em sua resenha, o incômodo sentimento de cópia e inadequação causado no Brasil pela cultura ocidental.

O exemplo ilustra, perfeitamente, um dos aspectos da situação cultural a que Schwarz se refere. É preciso frisar, com base nas ideias expostas pelo crítico que o “trabalho do conhecimento” a que ele se refere não é imune e não se recente da novidade terminologia e doutrinaria. O próprio crítico mostrou, publicando seu ensaio um século após o ensaio de Machado, “A nova geração”, que entre brasileiros “o influxo externo é que determina a direção do movimento” (ASSIS, 1959, p. 826), ainda que, em suas palavras, não possa ser posta em dúvida nos dias de hoje, tal como em fins do século XIX, a sua inevitabilidade. Neste ponto, o crítico parece atirar no próprio pé. Se inevitável, porque discuti-lo, veja-se bem, nos termos de sua inevitabilidade? Ao retomar a afirmação de Machado para mostrar e destacar em sua atualidade a persistência do problema, Schwarz denuncia a necessidade de retomar o assunto porque o “influxo externo” na cultura brasileira, como de resto já destacado, é a sua questão principal, ou, melhor dizendo, continua a ser a questão principal determinante para os problemas enfrentados pelo intelectual brasileiro no universo da cultura? É, justamente aí, no universo da cultural, traduzido pela dependência cultural que o problema pode ser pensado de outra forma. Muita coisa na cultura intelectual brasileira, sobretudo aquilo que afligia o intelectual brasileiro em seus aspectos mais específicos, como a dependência cultural, alterou-se sem que o sentimento de *mal estar* para o brasileiro tenha se alterado. Esta

situação intelectual que se alterou muito pouco, ou mesmo absolutamente não se alterou em nada, nesse aspecto mencionado, o “influxo externo”, adensou-se como problema intelectual e objeto de reflexão no direcionamento da atividade intelectual entre brasileiros. É mais um elemento estrutural por ter razões que o explique na economia, na formação educacional e social da população, na organização política etc., sendo, assim, um dado a reafirmar as ideias expostas pelo crítico, ainda que, como pode ser visto na obra de qualquer dos críticos acadêmicos a verdadeira validade do “influxo externo” em sua origem e mesmo em seu fim muitas vezes é difícil de determinar, ao contrário de sua ostensiva presença.

Quando se trata do assunto dependência cultural e estudos literários, no caso a que estamos nos referindo e que diz respeito aos críticos em destaque, o meio intelectual acadêmico, a figura de Oswald, com sua “Antropofagia”, e, claro, com sua crítica de fundo político-anárquica e sua obra literária polêmica e provocativa, inegavelmente, tornou-se uma das referências mais fortes para se pensar a dependência em uma perspectiva diversa das anteriores, e, principalmente, por apresentar caráter de avaliação e reavaliação positivo, ou melhor, para usar as palavras do crítico, por apresentar, na condição de mais uma das muitas “tentativas” de ajustamento cultural, “uma interpretação triunfalista de nosso atraso [...] sem sentimento de inferioridade” (SCHWARZ, 1999, p. 37-38) como uma espécie de fórmula de superação de todos os entraves e constrangimentos. Schwarz vê na atitude de Oswald, uma vez que o poeta modernista “tentou uma interpretação triunfalista de nosso atraso”, um *hábito, ou seja, uma cultura*. No escritor modernista muitos intelectuais e críticos encontrarão

argumentos necessários para um novo ponto de partida do entendimento e compreensão literária para os dilemas nacionais, estéticos e literários, como será o caso, muito particular, de Haroldo em “Da razão antropofágica” e *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira*. Ponto de vista crítico que encontrará na “antropofagia” o seu momento mais alto e significativo que, no entanto, não será partilhado por Schwarz e por parcela significativa da crítica brasileira. Schwarz lê Oswald com fortes restrições, e lê a “antropofagia” como mais uma etapa fracassada do processo de *ajustamento cultural*, justamente porque o crítico se propõe a reler o autor modernista e a leitura que foi feita de sua obra em uma perspectiva histórica de reavaliação, julgando seus resultados, de maneira sintética, resumida, que, infelizmente, passa a ser apenas uma pequena nota em sua argumentação. A diferença de pontos de vista de avaliação crítica da “Antropofagia” ficará clara em “Da razão antropofágica”, onde a leitura da “Antropofagia” passa a ser, com relação à dependência cultural, um ponto de reavaliação crítica da tradição literária brasileira.

Sendo Oswald um dos mais importantes pontos de partida para a crítica acadêmica rever e reavaliar a questão da dependência cultural, a) qual é a leitura que Schwarz faz de Oswald e de sua “Antropofagia”? Há de se perguntar aos críticos que usam das ideias antropofágicas para suas argumentações sobre os problemas do nacionalismo literário, b) por que Oswald e a “Antropofagia”? Com a pergunta em b se busca uma explicação maior para o uso programático e constante de uma teoria crítica de vanguarda que tem seu momento histórico bem demarcado nos anos finais da década de 20 do século XX no Brasil; c) Qual é o risco de levar para o campo da argumentação crítica acadêmica uma suposta “teoria” que apresenta mais de criação artística, experimentalismo

literário e ideais estéticas e políticas vanguardistas do que argumentação sólida e bem fundamentada para tratar de problema real, bem configurado, e que atinge, praticamente, todos os campos de criação artística e literária brasileiros, como a dependência cultural? Para a segunda pergunta a resposta é mais fácil e a leitura dos críticos para a escolha é praticamente a mesma, tanto em Schwarz quanto em Haroldo e mesmo em Silviano Santiago, que é um dos grandes devedores das ideias antropofágicas em seus ensaios de crítica da cultura. A escolha se faz porque Oswald realiza em sua literatura, na prática, radicalmente e de maneira bem sucedida, a partir de seus manifestos, sua poesia, seus romances e seu teatro, dentro do contexto maior do modernismo de 22 o esforço de atualização, o esforço de *ajustamento cultural*, e, ao contrário do que poderia ser dito da literatura e toda a produção de Mário, aponta, abertamente, correndo grande risco, para o futuro como possibilidade de realização radical, como aposta para as realizações que se desenvolvem para a cultura brasileira no contexto do mundo dominado pelo capitalismo e suas formas de expressões artísticas. Oswald está, constantemente, como artista, apresentando uma visão crítica marcada pela renovação, superação de entraves, experimentação e permanente utopia revolucionária. Como dado de grande importância, apresenta-se como um arguto e, importante, permanente crítico da cultura capitalista; para seu momento de atuação ativa como escritor, é o primeiro dos grandes críticos da cultura capitalista norte-americana e a presença de seus bens simbólicos na cultura brasileira, mostrando o lugar nefasto destes bens simbólicos para o desenvolvimento das manifestações culturais. Em *Ponta de lança*, seu teatro, sobretudo *O rei da vela*, seus romances e sua

poesia, a autoria aparece constantemente criticando a presença dessa cultura capitalista no Brasil, e suas maneiras de afirmação que colocam em luta fratricida essas duas culturas tão diversas, a americana e a brasileira. Através de fina percepção, que se vê traduzida em luta de forças, e que se mostra em mais um de seus tantos acertos personalíssimos, ele afirma, em forma de síntese, e como uma tradução ilustrativa da dependência cultural, que se trata da “luta entre Tarzan e a Emília” (ANDRADE, 2000, p. 54), simbolizando, aí nesses exemplos, as formas de expressão dos aspectos mais significativos das duas culturas. Cultura de massa que pulveriza o folclore nacional no mundo capitalista. A derrota já está anunciada. A análise da simples e complexa relação que se estabelece quando Oswald chama a atenção para a relação da cultura capitalista que se revela na aproximação desses exemplos de representação de sociedades diversas nas figuras opostas e excludentes de Tarzan e Emília seria suficiente para mostrar como o poeta tem a sua visão crítica descolada do passado e afeita ao futuro que se revela no presente imediato. Essa é uma visão que já está, declaradamente, presente em seus *Manifesto da Poesia Pau Brasil* e *Manifesto antropófago*.

Arriscando uma resposta à terceira pergunta, e com base no uso que os críticos citados fazem das ideias de Oswald, pode-se dizer que se interessam tanto pela figura, o poeta militante, figura controversa de pensamento revolucionário, progressista e radical, quanto pelas propostas da “Antropofagia” do poeta modernista, afirmando que ela tentara responder, naquele momento específico do início do século, a questões que envolveriam uma superação dos dilemas maiores que levaram a crítica a se debater em torno de uma visão tradicional de literatura brasileira. O que chama a atenção é o fato de cada crítico usar

a “antropofagia” à sua maneira e de acordo com as suas conveniências, muitas vezes fazendo leituras que traduzem interpretações, mas também análises, opostas dos valores comuns ali encontrados. A leitura, análise e interpretação das ideias do *Manifesto antropófago* tomada por Schwarz é completamente diversa da opção tomada por Haroldo. Onde estaria a diferença entre os pressupostos de leitura, análise, interpretação e uso da “antropofagia” feita pelos dois críticos que poderia ser resumida em algumas poucas linhas? Para Haroldo a “antropofagia”, aqui vista como uma forma de ajustamento cultural e intelectual, e também como uma revisão histórica da cultura brasileira em suas formas de afirmação, seria a base, a razão de ser e sustentação de suas ideias e seus ensaios para repensar a tradição literária brasileira, sendo vista, entendida e pensada, também, como uma das formas de manifestação de possibilidade de uma literatura de invenção, que daria a base de pensamento bem estruturado para a formulação de outra tradição crítica. De um lado, a “antropofagia” vista como revelação de um pensamento ativo, vivo, provocador e programático para a literatura brasileira com grande força e, de outro, o registro histórico de uma das tantas etapas de tentativa fracassada de superação dos entraves da dependência cultural. Diferença marcada, que somente traz em comum o reconhecimento da prática de *ajustamento cultural e intelectual*. Pode-se dizer, de maneira resumida, e em síntese, que Schwarz lê o essencial do programa Pau Brasil e antropofágico de Oswald nos limites do contexto do Modernismo brasileiro. O oposto de Haroldo que somente vê sentido no *Manifesto antropófago* quando esse sinaliza para além dos limites do Modernismo, devendo mais à interpretação e menos à análise. Este parece ser ao leitor do ensaio de Schwarz o

essencial da leitura feita pelo crítico, apesar da contextualização em que não vê importância significativa em seu momento de “atualização” das ideias antropofágicas em meio à “voga dos manifestos oswaldianos a partir da década de 60, e, sobretudo 70”. Schwarz, de fato, não concede valor a esse retorno, a essa voga das ideias dos manifestos de Oswald nos anos 60 e 70 do século XX. O vê como erro de perspectiva. O crítico destaca que o retorno das ideias antropofágicas é posto em contexto muito diverso do primitivo ou de sua origem, os anos 20, para descartá-lo como, simplesmente, mais um dos esforços da intelectualidade brasileira para enfrentar o problema do nacionalismo literário. O *Manifesto antropófago* estaria esvaziado, sem função ativa, diante de uma “ditadura militar, ávida de progresso técnico, aliada ao grande capital, nacional e internacional, e menos repressiva que o esperado em matéria de costumes”, diante de uma sociedade que mudara significativamente; os manifestos estariam fora de seu contexto de combate, “a estreiteza provinciana dos anos 20”, onde a “rebelião antropofágica fazia figura libertária e esclarecida” (SCHWARZ, 1987, p. 38). Em contexto diverso, devido a seu esvaziamento estético e cultural, não encontra sentido para suas posições críticas e teóricas. Por si só, esta é uma posição diversa da leitura e do entendimento que Haroldo encontra para os “manifestos”. A resposta que se formulou aqui para a segunda e terceira perguntas já é uma forma de responder à primeira, ou seja, forma de mostra qual é o entendimento que o crítico Schwarz tem da “antropofagia” e do pensamento crítico de Oswald.

À página 37 de “Nacional por subtração” há um comentário em forma de resumo das ideias fundamentais e programáticas de Oswald que encontra no argumento central e mais importante do autor modernista, presente em sua poesia e em sua obra de maneira

generalizada, o dissenso, “a dissonância entre padrões burgueses e realidades derivadas do patriarcado rural” que se “forma no centro de sua poesia”. A partir daí, o crítico faz uma leitura de Oswald baseada nas teses de filósofos e críticos de esquerda dos modos de produção da cultura capitalista, o que seria apropriado para Oswald, tão marcado pela militância e crítica aos padrões de vida e consumo da burguesia. Visto por Schwarz, é bom notar, o dissenso, a dissonância, a contradição é algo estrutural, portanto, algo que os escritores brasileiros têm de enfrentar, constituindo-se, também, como *um valor próprio ao pensamento crítico literário brasileiro*. Schwarz mostra como Oswald arma uma situação engenhosa, mas de pouco valor prático, valor real, para vencer o problema da dependência cultural. O autor modernista junta registros diversos, e, mesmo, registros excludentes, como “piada, provocação, filosofia da história e profetismo”, todos imbricados, criando, a partir dessa junção, um “progressismo *sui generis*”. Progressismo *sui generis*, particularíssimo, que, a rigor, e de acordo com o crítico, repetir-se-á, de outra forma e em outro contexto, nas ideias inovadoras e radicais de Glauber Rocha. Em Oswald se trata de um “progressismo” que passa pela “ideia de aproveitar o progresso material moderno para saltar da sociedade pré-burguesa diretamente ao paraíso”. Como dirá o próprio crítico, refere-se, em tese, a um ganho enorme, uma vez que a Antropofagia tinha o objetivo de queimar uma etapa. Ao se referir a essa atitude estética e, também, nacionalista de Oswald, Schwarz usa o verbo “tentar”, indicando na atitude do escritor modernista o sentido de buscar, procurar, empreender, pôr em prática; revela um esforço de *ajustamento cultural* deliberado e consciente, e como vem sendo dito aqui, quase necessário e obrigatório para o intelectual brasileiro;

dizendo dessa forma, usando o verbo “tentar”, o crítico vê essa tentativa como ineficiente e já a está descartando de antemão, pondo de lado, também, a possibilidade de sua interferência na cultura brasileira como capaz de formar, como influência determinante, junto à tradição literária, uma “antitradição” crítica como o quer Haroldo. Em um único movimento, ao negar Oswald e sua “Antropofagia”, Schwarz nega, simultaneamente, Haroldo e a sua “antitradição” como princípio e norma.

Schwarz já mostrou mais de uma vez que tem gosto particular para a enumeração, para a listagem, haja vista a sua dura crítica à forma de como se produz crítica literária no Brasil em seus “19 princípios para a crítica literária”. É desta forma, recorrendo à enumeração, que o crítico termina seu ensaio, com uma lista de 7 pontos, onde se pode ver que “a denúncia do transplante cultural veio a ser o eixo de uma *perspectiva crítica* ingênua e difundida” (SCHWARZ, 1987, p. 47), rejeitando novamente os pontos de vista adotados por Haroldo e Silviano. Em sua primeira lista, de grande sucesso, os “19 princípios para a crítica literária”, o tom era de deboche e reprovação, mostrando, nas próprias palavras do crítico, a ingenuidade e inutilidade das atitudes de estudiosos brasileiros. Na segunda lista, sua enumeração faz figura de arbítrio esclarecedor e reparador, embora conserve o mesmo tom da primeira naquilo que traz de crítica para aquilo que o autor entende ser a mais pura ingenuidade. Como na lista anterior, o crítico localiza o problema e, mais uma vez, em sua opinião, revela aquilo que o falseia. O juízo é sintomático, e muito mais robusto e significativo do que se lê na frase. Juízo que traz a *marca d’água* característica da reflexão do autor onde se pode ler a sua identidade de reflexão crítica através de destaque dado a um ponto de vista que passa pela relação, por vezes

contestada, entre cultura capitalista e escravismo brasileiro, elite letrada e segregação dos pobres, classe dominante e distanciamento das coisas do Brasil. O juízo revela, de maneira direta, as duas questões de reflexão crítica que estamos destacando neste artigo. Primeiro, a ideia de que a crítica literária acadêmica retoma um dos mais significativos aspectos da crítica literária brasileira, ao menos desde a primeira metade do século XIX, desde a Independência, ou seja, a adesão ao nacionalismo literário e a seus maiores e mais significativos dilemas. Segundo, a crença expressa pelo crítico de que a reflexão sobre o nacionalismo literário se tornou, justamente, a “perspectiva crítica” de reflexão sobre a cultura da dependência cultural. Além disso, lê-se na frase que a questão, de fato, revela um falso problema, posto sempre através de atitude empenhada, como correção, endireitamento e “denúncia”, quando o crítico insiste em definir a questão como uma perspectiva de reflexão crítica “ingênua e difundida”. Dessa forma, termina por mostrar que diante da “perspectiva crítica” há uma atitude comum àqueles que praticam a crítica no Brasil: uma secular atitude de reflexão nacionalista.

Referências

- ALMEIDA, J. de. Pressupostos, salvo engano, dos pressupostos, salvo engano. In: CEVASCO, M. E. e OHATA, M. (Org.) *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 44-53.
- ANDRADE, O. de. Carta a Monteiro Lobato. *Ponta de lança*. São Paulo: Editora Globo, 2000. P. 49-56.
- ASSIS, M. de. A nova geração. *Obra completa*: Rio de Janeiro, 1959, v. 3.

CANDIDO, A. Sobre Roberto Schwarz. In: CEVASCO, M. E. e OHATA, M. (Org.) *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 13-17.

_____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2002. 389p.

FAUSTO, B. A intimidade de uma nação. Prestígio das “histórias da vida privada” indica o declínio da vida pública no Ocidente. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1, junho, 1997, Caderno Mais, p. 10.

FROTA, L. C. (Org.). *Carlos e Mário*. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Prefácio e notas de Carlos Drummond de Andrade e Silvano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias Ltda., 2002.

SCHWARZ, R. Conversa sobre “Duas meninas”. *Sequências brasileiras*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P. 227-238.

_____. Nacional por Subtração. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P. 35-36.

_____. Um crítico na periferia do capitalismo. *Pesquisa Fapesp*. Nº. 98. São Paulo, abril de 2004. P. 12-19. Entrevista concedida a Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura.

Recebido em 15/02/2016. Aprovado em 29/02/2016.